Foice e Martelo

www.marxismo.org.br

08 de Abril de 2016 • Nº 87 • R$ 2,00 • Jornal da Esquerda Marxista - Seção brasileira da Corrente Marxista Internacional

"A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES." (KARL MARX)

Obama em Cuba marca ameaças às conquistas

PÁG 7

Alex Minoru

Nossas tarefas na luta contra o impeachment

PÁG 3

Lula Marques/Agência PT

Governo Dilma/Lula adota a tática da barganha para impedir o impeachment. Segue submisso aos interesses da burguesia que se unifica pelo seu fim

Com ou sem impeachment, para onde vai o Brasil

Nos próximos dias, a votação do impeachment de Dilma irá ao plenário da Câmara. Apesar de elevar-se dia a dia, a oposição de direita ainda não tem hoje (7/4) os 342 votos para que o processo seja admitido pela Câmara e encaminhado ao Senado. O governo Dilma/Lula busca garantir os votos para barrar o impeachment através de negociações com partidos da direita (PSD, PP, PR etc.) oferecendo cargos e benesses.

Nessa luta parlamentar, de um lado está um governo sem apoio popular, por ter contrariado tudo o que prometeu durante a campanha eleitoral. De outro, os desmoralizados políticos da oposição. Dos 65 membros da comissão do impeachment, 37 enfrentam acusações de corrupção, como o notório Paulo Maluf. Na presidência da Câmara, Eduardo Cunha, que dispensa apresentações. E, se Dilma for afastada, assume Michel Temer, também alvo de denúncias.

Se o governo conseguir os votos necessários para barrar o impeachment, vai seguir sendo um governo fraco, isolado, que seguirá tentando aplicar os ataques contra os trabalhadores e se desmoralizando cada dia mais.

Se o impeachment passa na Câmara e é aceito no Senado, assume Michel Temer por 180 dias, compondo também um governo fraco, ilegítimo, com forte oposição nas ruas.

Com ou sem impeachment, a crise econômica e política vai continuar se desenvolvendo. 4,4 mil fábricas foram fechadas no Estado de São Paulo no ano passado. Entre novembro de 2015 e janeiro de 2016, 1,1 milhão de empregos industriais foram extintos. Estes são os dados da recessão que toma o país.

A burguesia necessita de ataques cada vez mais profundos contra os trabalhadores. O governo que vier seguirá sendo um governo de crise e de ataques à maioria do povo.

Nós somos contra o impeachment orquestrado pela direita, sem defender nem um milímetro o governo Dilma. A tarefa da classe trabalhadora segue sendo se reorganizar para enfrentar a situação e abrir uma saída, que deve apontar em direção à abolição da ordem existente.

O QUE PENSA O IMPERIALISMO ESSA SEMANA?

Em artigo desta semana, o The Economist comenta o acentuado declínio da centro-esquerda europeia. O semanário inicia pela declaração de um trabalhador do cais de Pireus, onde o PASOK tinha até 45% dos votos, mas hoje não passa de 4%, desde que aplicou diretamente políticas de austeridade, como a privatização dos portos.

O órgão comenta que o fenômeno grego é mais acentuado, mas não isolado. Está em curso uma 'pasokficação" em todo o continente. Explica que os partidos centristas governavam da Escócia à Lituânia, mas que hoje sua votação é a menor em cerca de 70 anos. Mesmo onde se mantém no poder, vão perdendo votos.

Com a crise de 2008, esses partidos precisaram implementar medidas de austeridade, com cortes de direitos, o que representou ataques diretos à sua base social histórica, a classe trabalhadora.

No Brasil, o PT no governo há 13 anos em aliança com aburguesia vem administrando o lucro de capitalistas e banqueiros, o que levou a pior popularidade de um governo nessa gestão. Como na Europa, o cenário eleitoral brasileiro, pode dar maior destaque a partidos que aparecem mais à esquerda.

The Economist

Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização revolucionária de luta pelo socialismo.

Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), participamos em todo o mundo da luta pela abolição do capitalismo e pela República Socialista Universal dos Conselhos.

Lutamos contra a colaboração de classes dos reformistas. Mas, nada temos a ver com os ultraesquerdistas que se dedicam ao divisionismo e ao denuncismo impotente.

Nós lutamos pela unidade e pela independência política da classe trabalhadora. Nosso objetivo é ajudar os trabalhadores e a juventude revolucionária a construir um partido operário revolucionário e socialista de massas.

A Esquerda Marxista dirigiu as ocupações de fábricas no Brasil lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores. Lutamos por Transporte, Saúde e Educação Públicos e gratuitos para todos. Pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude. O capitalismo e seus partidos são nossos inimigos. Lutamos pela revolução e pelo socialismo.

POLÊMICA

Paulo Pinto / Agência PT

Convocatória original foi substituída, sem pautar combate aos ataques

Em 31 de março, pautas originais foram sequestradas

Praças, avenidas e pontos de concentração dos atos de 31 de março estavam decorados e recheados dos mesmos bordões: "Não vai ter golpe" e "Em defesa da democracia". Esse tom fez doer a cabeça de muita gente. O que a imensa maioria dos manifestantes não sabia era que os eixos políticos dos eventos foram modificados sem alarde e sem explicação. Os militantes da Esquerda Marxista explicaram essa situação em todos os lugares em que participaram.

Os responsáveis por essa mudança foram Lula, Wagner, Stédile e as organizações que se renderam frente às pressões dos aparatos alinhados ao PT e ao governo. Em conjunto, eles fraudaram, deturparam e abandonaram a convocatória original do dia 31 de março, na original Marcha a Brasília. Em substituição, passaram a tentar capturar a vontade popular de luta contra a direita com a linha de "Contra o golpe, Defesa de Dilma". Assim sequestraram os atos do dia 31 de março em todo o país.

O objetivo das forças políticas que lideram esse processo é usar as mobilizações como moeda de troca para evitar sua própria queda e seguir com seus planos de salvação do capital. Para isso, manipulam o movimento popular, por um lado, enquanto tentam comprar votos de deputados dos partidos burgueses, por outro. Essa foi a política aplicada por Lula e Dilma no período anterior, que agora se depara com um contexto de crise geral do capitalismo.

Nossas bandeiras e nossa política estavam levantadas em vários estados do país, dia 31 de março. Levantamos as reivindicações originais da Marcha a Brasília e explicamos o seu sequestro.

CUT e UNE abandonam luta pelas reivindicações e se calam diante dos ataques

Enquanto a direção da CUT e da UNE agitam a "defesa da democracia" contra o suposto "golpe", ataques são dirigidos contra direitos e conquistas de jovens e trabalhadores com o silêncio dessas entidades.

Elas, com PT, PCdoB, MST, abandonaram a pauta original dos atos do dia 31, com as reinvindicações dos trabalhadores. Já no dia 21 de março, a Câmara de Deputados aprovou a cobrança de mensalidades nas universidades públicas em cursos de extensão, pós-graduação lato sensu e mestrados profissionais. A UNE não fez nada, nenhum ato, nenhuma campanha, nem mesmo um abaixo-assinado.

O governo Dilma segue se curvando aos interesses do capital. Anunciou novo corte de mais de R$ 20 bilhões no orçamento de 2016. Incluindo corte de R$ 4,2 bilhões da educação e R$ 2,3 bilhões da saúde.

Na busca de apoio de governos estaduais para sua sustentação, o governo federal enviou o PL 257/16 para a Câmara em regime de urgência, que representa um brutal ataque aos servidores públicos. Diante disso, os sindicatos começam a agir, mas da CUT se ouve um ensurdecedor silêncio. A mesma coisa com relação ao caso da proposta de contenção dos gastos da União.

A direção da CUT e da UNE abandonaram as lutas que podem abrir caminho para mobilizar jovens e trabalhadores para construir uma saída diante do aprofundamento da crise. Elas não ficarão impunes. A progressiva radicalização nas bases vai colocar com força a retomada destas organizações para a luta.

ODOC ABBP

Carina Vitra e Vagner Freitas, presidentes da UNE e da CUT

Foice Martelo

CONSELHO DE REDAÇÃO
Serge Goulart, Alex Minoru, Caio Dezorzi, Mario Conte.

EDITOR
Johannes Halter

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

DIAGRAMADOR
Evandro José Colzani

jornal@marxismo.org.br
www.marxismo.org.br

Rua Tabatinguera, 318, Centro
São Paulo/SP - CEP: 01020-000
Fone: (11) 3101-8810

NACIONAL

Nossas tarefas na luta contra o impeachment e o que vai acontecer

SERGE GOULART
serge@marxismo.org.br

A pressão aumenta em todo o país.

A pressão das classes inimigas em seu ataque contra a classe trabalhadora se expressa na campanha aberta, na mobilização geral de toda a imprensa, empresas e da maioria dos partidos burgueses, do Judiciário, pelo impeachment de Dilma e a retomada do controle direto do Estado pela burguesia. O concreto é que, para a burguesia, o governo Dilma/Lula não tem a capacidade de imprimir com suficiente velocidade e profundidade todas as medidas que ela julga necessárias para enfrentar a atual crise internacional.

Os interesses particulares de Temer, do PMDB e de outros são apenas acessórios que alimentam a fogueira e que ajudam a imprimir uma dinâmica própria à crise, dinâmica essa que eles mesmos não controlam. Os diferentes interesses das frações burguesas e burocráticas em luta ameaçam abrir uma crise maior no Brasil.

Imperialismo em alerta

O artigo da revista The Economist "É hora de ir! A presidente manchada deve renunciar" (26/03/16), reflete uma tentativa da burguesia imperialista de encontrar uma saída que diminua ao mínimo o trauma da destituição do governo. A Folha de SP aderiu em editorial. A renúncia de Dilma/Lula provocaria uma paralisia de todo o movimento nas ruas. Deixaria atônitos todos os que atenderam ao seu apelo de lutar "Contra o golpe". Dilma/Lula estariam fazendo o que Lugo fez no Paraguai, quando sofreu o golpe do Congresso (aquele sim um golpe contra as maiorias), e desmontou toda resistência.

Já a derrubada de Dilma/Lula via Impeachment desenvolveria nos setores das massas que hoje "lutam contra o golpe" um sentimento de legitimidade para no dia seguinte "continuar a luta contra o golpe", ou seja, lutar para derrubar o novo governo. Não haveria respiro e toda medida amarga tomada pelo novo governo se encontraria com a disposição redobrada do movimento de massas de enfrentar e derrubar o novo governo "golpista". É esta situação que The Economist e a Folha de SP desejariam evitar pedindo ao moribundo que se mate.

"Democratas" unidos

De outro lado, está a pressão do aparato do PT, da CUT, do MST e do MTST para salvar o governo na linha de que eles são vítimas de um "Golpe" e que são eles, e não os burgueses da oposição, os verdadeiros defensores do "Estado Democrático de Direito". Os aparatos se lançaram a mobilizar sua base social e todos os setores "democráticos" assustados com a iminência de um "Golpe", um "retrocesso" como dizem.

Ao mesmo tempo, as duas frações em luta se unificam para golpear juntas a classe trabalhadora e a juventude aprovando, como metralhadoras, leis, decretos etc. de ataques às conquistas populares. A Lei Antiterrorismo é um exemplo dessa unidade que inclui o ataque às liberdades democráticas mais essenciais que são as liberdades de manifestação, de expressão e de organização. Sem essas liberdades, o movimento operário está manietado. E neste ataque eles estão juntos!

> *Uma política independente e revolucionária tem que se expressar na luta pela auto-organização das massas e por sua entrada em cena de forma independente*

Essa é uma mancha suja em sua face que o PT nunca vai limpar.

Defesa das instituições bastardas

Combater segundo os interesses da classe operária significa não se subordinar nem aos reacionários burgueses e nem a esse governo dos e para os capitalistas capitaneado pelo PT.

Mesmo ameaçados de catástrofe nos seus planos políticos e pessoais esta gangue política que dirige o PT e o governo busca conter a crise política no quadro da discussão de "quem é mais capaz de sustentar as instituições e aplicar os planos econômicos de Ajuste".

Sua linha de "Não vai ter Golpe" e "Em defesa da Democracia", "Em defesa do Estado Democrático de Direito" é a defesa das instituições reacionárias existentes neste país. E, em nenhuma hipótese, pode ser confundida com a defesa das liberdades democráticas, que eles atacam todos os dias desde junho 2013, junto com seus adversários burgueses.

Todo socialista que se alinhar com a "Defesa do Estado Democrático de Direito", que é a defesa da existência de conjunto das atuais instituições políticas, está abandonando a política proletária independente, está abandonando a luta pelo socialismo e se passando, em atos, para o campo da defesa das instituições do capital. E no caso do Brasil, pior ainda, de instituições da democracia bastarda de um país atrasado e controlado pelo imperialismo e por uma podre e covarde burguesia.

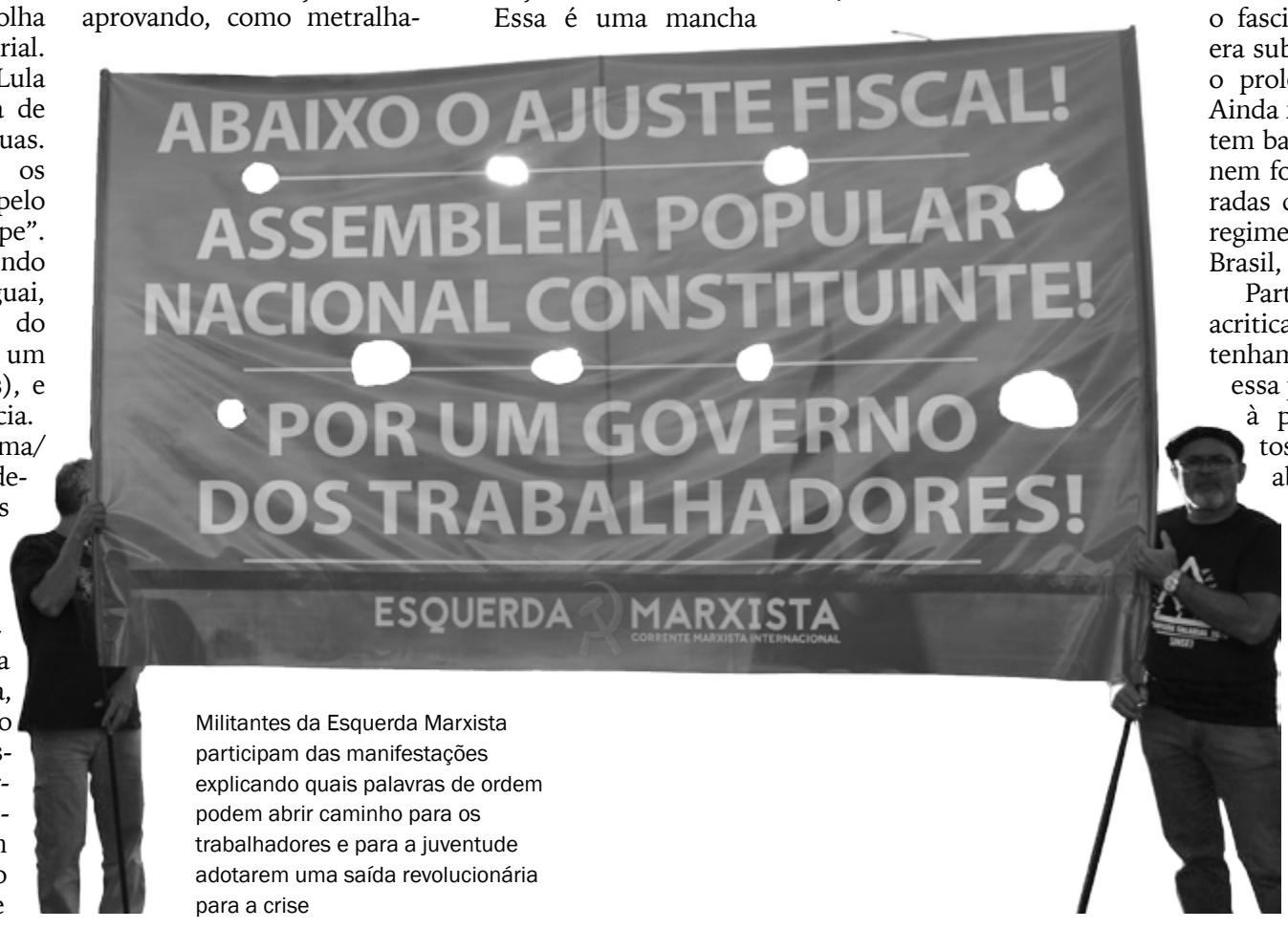
A palavra de ordem de "Defesa da Democracia", hoje, tem o sentido de que haveria uma ameaça de ditadura de qualquer tipo, seja civil, policial ou militar. Concretamente, hoje, a palavra de ordem de "Defesa da democracia", tem o sentido de sustentação do direito do governo Dilma/Lula pisotear o povo nos próximos anos porque "ganhou as eleições"!

Na atual crise não está em questão para os marxistas escolher entre democracia e fascismo, entre democracia e ditadura. Isso é falso até a medula. E não passa da repetição da velha política estalinista de falsa "luta contra o fascismo" e cujo objetivo era subordinar politicamente o proletariado à burguesia. Ainda mais quando não existem bases sociais de massa e nem forças políticas estruturadas capazes de erguer um regime fascista, hoje, nem no Brasil, nem no mundo.

Participar de ou divulgar, acriticamente, atividades que tenham como pano de fundo essa política seria curvar-se à pressão destes aparatos, seria deslizar para o abandono de uma política independente.

Política independente e revolucionária

Concretamente uma política independente e revolucionária nestas circunstâncias tem que se expressar na luta pela auto-organização das massas e por sua entrada em cena de for-



Militantes da Esquerda Marxista participam das manifestações explicando quais palavras de ordem podem abrir caminho para os trabalhadores e para a juventude adotarem uma saída revolucionária para a crise

NACIONAL

ma independente, sob suas próprias bandeiras e métodos de luta. A luta por uma Assembleia Popular Nacional Constituinte, e por um Governo dos Trabalhadores, é esta expressão independente.

A palavra de ordem de Assembleia Popular Nacional Constituinte se opõe de forma consciente e profunda contra a tentativa de salvação das atuais instituições na forma de "Defesa do Estado Democrático de Direito", fórmula que significa a defesa do atual aparato de Estado, das instituições repressivas herdadas da ditadura militar, do atual Congresso e do Judiciário. Defender as liberdades democráticas conquistadas, inclusive contra a própria burguesia, e que estão incrustradas nas leis, é muito diferente de defender o conjunto do edifício de opressão e exploração de classes existente.

O reaparecimento do "Lulinha, paz e amor" tem dois objetivos: recuperar o apoio da burguesia e impedir o surgimento de uma crise revolucionária

A questão da democracia, e a defesa das liberdades democráticas num país atrasado, na época do imperialismo, só pode ser resolvida na luta e pela revolução proletária. Ao mesmo tempo, todas liberdades democráticas que ajudam a organização do proletariado, conquistas incrustadas na lei, devem ser defendidas com toda força, pois nenhuma delas foi concessão da burguesia. Foi a luta de classes que colocou lá cada uma delas e a sua defesa é a defesa da luta de classes. A questão fundamental, hoje, é manter a independência e explicar que só a auto-organização das massas pode enfrentar a direita, defender as conquistas e lutar pelo socialismo. Para isso servem os verdadeiros revolucionários.

Receita do PT: adaptação e capitulação

Para as direções do PT e da CUT, as atuais mobilizações têm como objetivo salvar a si próprios, assim como as instituições burguesas que eles sustentam. E por isso sua linha política é uma armadilha. Eles fraudaram, deturparam e abandonaram a convocatória original do dia 31/03/16, para a Marcha a Brasília, e buscam encapsular toda a vontade popular de luta contra a direita na linha de "Contra o Golpe, Defesa de Dilma". E no dia 31/03 sequestraram os Atos em todo o país. Nossas bandeiras e nossa política estava lá e isso era um contraponto importante.

O seu objetivo com estas mobilizações é usá-las como moeda de troca para evitar sua própria queda e seguir com seus planos de salvação do capital. Seu método é manipular o movimento popular ao mesmo tempo que compram voto de deputados burgueses. É mais do mesmo que já fez com a "base aliada". O resultado será um desastre maior do que o preparado até agora. Correm como um cego em direção ao abismo.

O reaparecimento do "Lulinha, paz e amor" tem dois objetivos: recuperar o apoio da burguesia e impedir o surgimento de uma crise revolucionária que poria em questão direta e progressivamente, não só toda a direita e as instituições burguesas, como também o governo em si e todo o aparato do PT e da CUT.

O centro desta política é Lula e a direção do PT. Outros se adaptam e capitulam apesar de formalmente manter a luta pelas reivindicações e contra o ajuste fiscal. Mas, assim que a pressão da situação e do aparato do PT se amplia, eles se dobram e cada um a seu modo, como Camões nos "Lusíadas", cantam:

"Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta".

Ora, outro valor mais alto se alevanta: "As instituições democráticas estão em perigo!" e, "as navegações grandes", que ainda é preciso fazer, a "fama das vitórias", seus combates passados, passam a segundo plano porque o valor mais alto, a "Democracia", se alevanta.

Mas, as liberdades democráticas já estão ameaçadas pelo atual governo, pelo Judiciário e pelo Congresso, pelo menos progressivamente, desde junho de 2013, quando perceberam que ninguém mais controlava as massas.

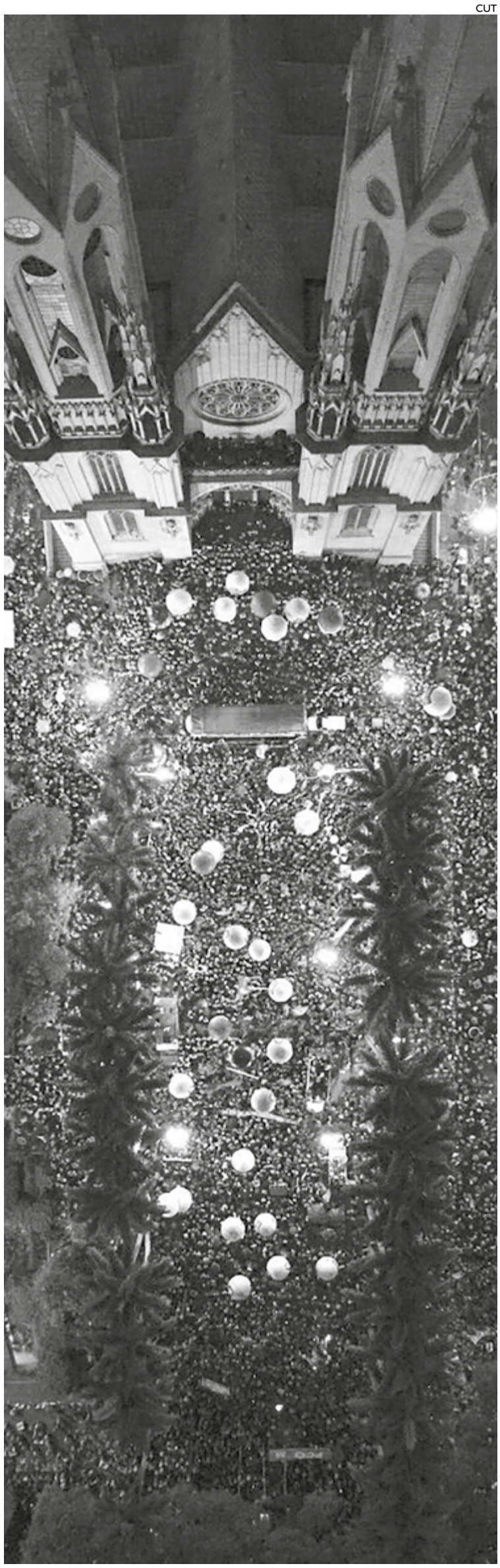
Burguesia unificada pelo "Fora Dilma"

O que há em curso no país é uma luta palaciana, uma guerra de camarilhas, uma redistribuição de haveres e poderes entre os clãs que mordem para locupletar-se e disputam a vaga de defesa do Capital. E com a ameaça da imensa crise que se amplia, a burguesia decidiu interromper a terceirização do governo e retomar ela própria o controle do aparato de Estado.

Não há nenhum golpe no sentido de que um governo "pós-Dilma" viria cassando partidos, sindicatos, movimentos e proibindo qualquer liberdade democrática, ou seja, uma ditadura civil, policial ou militar. Isso é uma falsa perspectiva. Não existe a menor correlação de forças para isso, hoje, no Brasil. O que há é um processo crescente de ataques contra as liberdades democráticas implementado por FHC, Lula e Dilma e que avança na medida que a crise econômica progride e a burguesia é cada vez mais incapaz de governar sem repressão aberta ou disfarçada como um dos principais instrumentos. Aliás, nisso Dilma é campeã. O próximo governo capitalista só continuará esse processo. Cada vez mais o Estado, todos os seus diferentes aparatos, aparecem como o que essencialmente são: um bando de homens armados para garantir a exploração de uma classe minoritária sobre as outras classes exploradas e oprimidas.

Se a questão é que não se pode interromper um governo eleito segundo as regras podres e malditas do sistema atual, então os revolucionários estão perdidos. E, aliás, estaríamos todos errados e seríamos meros "golpistas" ao mobilizar pelo Fora Collor, Fora FHC etc.

CUT



Milhares de ativistas e militantes reuniram-se para mostrar resistência frente à direita, sob uma forma ainda confusa de luta contra o impeachment

NACIONAL

Zeca Ribeiro / Camara dos Deputados

Oposição parlamentar cresceu rapidamente, com composição de ex-membros da coalizão política que Lula, Dilma e a direção do PT sempre defenderam como necessária

Democracia na Nova República

As classes dominantes não fizeram regras e instituições para permitir que as classes exploradas e oprimidas as derrotassem na luta pelo poder político. E os verdadeiros democratas também estão perdidos, já que acreditam que a democracia do mandato implica no respeito ao voto, ao programa, que elegeu o cidadão e seu partido. A questão, na verdade, é bem outra. Aliás, democracia é outra coisa.

Chamar de democracia o fato de que um partido pode ser eleito com um programa e depois automaticamente tem autorização de quatro anos para fazer o contrário, é um escárnio com a democracia da grande revolução francesa e com o povo, tomado por otário.

O fato substancial é que há uma crise política na Nova República, promulgada com a Constituição Federal de 1988. Essa crise é provocada pela crise econômica mundial e a resistência das massas a serem transformadas em animais de carga, o que ameaça todo o edifício. É a mais importante crise desde o fim da ditadura e da queda de Collor.

E anuncia que a Nova República, este estilo de pacto social que permitiu a sobrevivência das instituições burguesas ameaçadas e trouxe à situação de hoje, e que exigia o governo domesticado do PT controlando as massas para manter-se, está se esfumando. Entramos numa crise de fragmentação do regime político brasileiro.

Só a ausência de uma direção proletária independente, de um partido revolucionário, explica não termos mergulhado ainda numa crise revolucionária.

O fato de que a gritaria sobre o "Golpe" seja uma falsificação da realidade, não quer dizer que não importa aos marxistas o que se passa e qual o desfecho desta luta entre as camarilhas.

De forma alguma. Seria estupidez política e sectarismo puro virar as costas a essa luta política aguda.

Tarefas dos marxistas

Os marxistas intervêm na situação concreta com uma política concreta. Mas, situação concreta não tem nada a ver com tomar a política dos aparatos como sendo "a situação concreta". Isso sim seria pura ilusão. E também nada tem a ver com tomar o senso comum e o que dizem os setores confusos das massas como sendo "a realidade" à qual "é preciso se adaptar".

É nossa tarefa trabalhar para ajudar a classe operária e a juventude a entrar em cena de forma independente, o que inevitavelmente vai provocar um choque com este governo dos capitalistas. Mas, não só com o governo. Vai ser preciso enfrentar ao mesmo tempo todo o Congresso e o Judiciário. A simples entrada na arena política da classe trabalhadora com seus próprios métodos, greves, passeatas etc. e suas reivindicações próprias transformará automaticamente e situação de crise política aguda, agudíssima, em crise pré-revolucionária e colocará abaixo todo o regime.

Nossa posição é contra o impeachment, não porque "é preciso defender a democracia". Somos contra o impeachment porque ele, hoje, só serve para os setores mais reacionários tomarem o controle do governo e ampliarem os ataques contra o povo

Já explicamos antes que nossa posição é contra o impeachment, não porque "é preciso defender a democracia", isso é ridículo. Somos contra o impeachment porque ele, hoje, só serve para os setores mais reacionários tomarem o controle do governo e ampliarem os ataques contra o povo. Preferimos que o jogo prossiga com todas as frações das cúpulas se engalfinhando enquanto ajudamos a preparar as forças independentes que dominarão o próximo capítulo desta interminável novela de mediocridades e maldades contra o povo.

O impasse absoluto desse governo Dilma/Lula está expresso na equação: abandonado pelas massas que traiu, encurralado pelo Judiciário, imprensa e Congresso, se perder a batalha do Impeachment está liquidado e suas diversas camarilhas internas vão revoar, entrar em pânico, aderir etc.

Se conseguir impedir o Impeachment reunindo 172 votos contra, vai governar com um Congresso abertamente hostil cujo objetivo vai ser paralisar o governo, aprovar todas as maldades que o governo enviar, para queimá-lo ainda mais e sangrá-lo até 2018, para enterrá-lo com cal por cima.

Na situação de hoje, onde o aguçamento da crise dá saltos todos os dias, os marxistas devem participar entusiasticamente de todas as lutas, mobilizações e Atos contra o Impeachment, pois ele comporta o elemento sadio de agrupar-se para enfrentar a direita e a derrota do Impeachment deixaria a burguesia atônita e sem rumo. Mas, os revolucionários marxistas só podem e devem participar aí com suas próprias bandeiras, com total independência política e organizativa (panfletos, faixas e jornal próprios). Lutando contra o impeachment, os marxistas devem sempre ressaltar as bandeiras independentes e próprias do movimento operário e da juventude.

Sem medo dos adversários

Não deve ser preocupação de nenhum revolucionário marxista que nestas atividades os dirigentes das organizações de massa sequestrem as atividades, mudem as palavras de ordem e transformem-nas em Atos de "Defesa do governo" e da "Democracia". Isso só ressaltará nossas posições e sua justeza, assim como desmascara estes dirigentes social traidores. Não nos confunde e nem nos dissolve se mantemos nossa atividade política independente.

O que interessa aos revolucionários marxistas é contatar a vanguarda, discutir política e explicar "pacientemente" o que se passa e o que está em jogo, como sair desta situação e que só avançando na luta pela revolução e pelo socialismo será possível resolver a situação, a corrupção, a miséria, o desemprego, a educação, saúde, enfim, o que a população necessita.

E que isso só pode ser feito se for feito de forma independente de qualquer partido burguês e de qualquer capitalista, ou melhor, em luta direta contra eles. Para isso é preciso o povo oprimido e explorado organizado em comitês, em Assembleias, e nacionalmente organizado e mobilizado numa Assembleia Popular Constituinte, que varra as atuais instituições e seus políticos, constituindo um Governo dos Trabalhadores, assumindo o controle coletivo da economia e planificando-a.

Nossa tarefa imediata é contatar o mais amplo leque de estudantes e trabalhadores diretamente com nossos materiais políticos e discutir com eles, ganhá-los para a Esquerda Marxista e a CMI. Essa é uma tarefa que vale seu peso em ouro.

HISTÓRIA/FORMAÇÃO

Nesta edição, o Foice & Martelo reproduz extratos de dois prefácios de O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, um deles escrito pelo autor da obra, Karl Marx, e outro por seu camarada Friedrich Engels. O livro retrata de forma genial a situação na França na metade do século 19 e como se produziu o golpe de Estado de Bonaparte, as forças em luta e como cada uma delas agiu. Uma análise de conjuntura que oferece muitos instrumentos para compreender o método de Marx e como podemos utilizá-lo para entender a atual situação brasileira. Nosso desejo é que o leitor sinta-se instigado a buscar a obra completa, que pode ser adquirida na Livraria Marxista (www.livrariamarxista.com.br).

Prefácio do autor à segunda edição de 1869 de O 18 de Brumário de Luís Bonaparte

KARL MARX

O meu amigo Joseph Weydemeyer, morto prematuramente, propunha-se editar em Nova Iorque, a partir de 1 de Janeiro de 1852, um semanário político. Convidou-me a mandar-lhe para esse semanário a história do coup d'état. Escrevi-lhe, pois, um artigo por semana, até meados de fevereiro, sob o título de O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. Entretanto, o plano primitivo de Weydemeyer fracassou.

Em contrapartida, começou a publicar na Primavera de 1852 uma revista mensal Die Revolution, cujo primeiro caderno era composto pelo meu 18 de Brumário. Algumas centenas de exemplares deste caderno partiram a caminho da Alemanha, mas sem chegar a entrar no comércio de livros propriamente dito. Um livreiro alemão que tem a pretensão de ser tremendamente radical, a quem propus que se encarregasse da venda rejeitou com verdadeira indignação moral tão "inoportuna pretensão".

Entre as obras que tratavam na mesma época do mesmo tema, apenas duas são dignas de menção: Napoléon le petit, de Victor Hugo, e Coup d'état, de Proudhoun.

Victor Hugo limita-se a amargas e engenhosas invectivas contra o editor responsável do golpe de Estado. Quanto ao próprio acontecimento, parece, na sua obra, um raio que caísse de um céu sereno. Não vê nele mais do que um ato de força de um só indivíduo. Não se apercebe que aquilo que faz é engrandecer este indivíduo em vez de o diminuir, ao atribuir-lhe um poder pessoal de iniciativa sem paralelo na história universal. Pela sua parte, Proudhon tenta apresentar o golpe de estado como resultado de um

desenvolvimento histórico anterior. Mas, nas suas mãos, a construção histórica do golpe de Estado transforma-se numa apologia histórica do herói do golpe de Estado. Cai com isso no erro dos nossos pretensos historiadores objetivos. Eu, pelo contrário, demonstro como a luta de classes criou na França as circunstâncias e as condições que permitiram a um personagem medíocre e grotesco representar o papel de herói.

A frase final da minha obra "Mas quando o manto imperial cair finalmente sobre os ombros de Luís Bonaparte, a estátua de bronze de Napoleão tombará do alto da Coluna de Vendôme" já se realizou.

O coronel Charras desencadeou a ofensiva contra o culto napoleónico na sua obra sobre a campanha de 1815. A partir de então, e sobretudo nestes últimos anos, a literatura francesa, com as armas da investigação histórica, da crítica, da sátira e do humor, deu o golpe de misericórdia na lenda de Napoleão. Fora de França, apreciou-se pouco e compreendeu-se ainda menos esta violenta ruptura com a fé tradicional do povo, esta formidável revolução espiritual.

Finalmente, confio em que a minha obra contribuirá para eliminar esse lugar-comum do chamado cesarismo, tão corrente, sobretudo atualmente, na Alemanha. Nesta superficial analogia histórica esquece-se o principal, nomeadamente que na antiga Roma a luta de classes apenas se processava entre uma minoria privilegiada, entre os ricos livres e os pobres livres, enquanto a grande massa produtiva da população, os escravos, formavam um pedestal puramente passivo para aqueles lutadores...

Londres, 23 de Junho de 1869.

Pintura de Franz Xaver Winterhalter, retratando Luís Bonaparte em 1855

Prefácio à terceira edição alemã da obra

FRIEDRICH ENGELS

O fato de se ter tornado necessária uma nova edição de O 18 de Brumário, trinta e três anos depois da primeira publicação, demonstra que este pequeno escrito nada perdeu do seu valor.

E foi, na realidade, um trabalho genial. Imediatamente depois do acontecimento que surpreendeu todo o mundo político como um raio caído de um céu sereno, condenado por uns com gritos de indignação moral e aceito por outros como tábua de salvação contra a revolução e como castigo pelos seus extravios, mas contemplado por todos com assombro e por ninguém entendido, imediatamente depois deste acontecimento Marx surgiu com uma exposição breve, epigramática, em que se explicava na sua conexão interna toda a marcha da história francesa desde as jornadas de fevereiro, se reduzia o milagre de 2 de dezembro a um resultado natural e necessário desta conexão, e não era necessário tratar o herói do golpe de Estado a não ser com o desprezo que tinha plenamente merecido. E o quadro foi traçado com tanta mestria que cada nova revelação tornada pública desde então nada mais fez que fornecer novas provas de quão fielmente ele reflete a realidade. Esta eminente compreensão da história viva do dia-a-dia, esta penetração clara nos acontecimentos, no próprio momento em que se produzem, é, de fato, sem exemplo.

Esta foi a razão por que Marx não só estudava com especial predileção a história passada francesa, mas também seguia em todos os seus pormenores a história em curso, reunindo os materiais para os empregar posteriormente, e portanto nunca se via surpreendido pelos acontecimentos.

Mas a isto veio acrescentar-se outra circunstância. Foi precisamente Marx quem primeiro descobriu a grande lei do movimento da história, a lei segundo a qual todas as lutas históricas, quer se desenvolvam no terreno político, no religioso, no filosófico ou noutro terreno ideológico qualquer, não são, na realidade, mais do que a expressão mais ou menos clara de lutas de classes sociais, e que a existência destas classes, e portanto também as colisões entre elas, são condicionadas, por sua vez, pelo grau de desenvolvimento da sua situação económica, pelo carácter e pelo modo da sua produção e da sua troca, condicionada por estes. Foi também esta lei, que tem para a história o mesmo significado que a lei da transformação da energia para a Ciência da Natureza, que lhe deu aqui a chave para a compreensão da história da Segunda República francesa. Esta história serviu-lhe para pôr à prova a sua lei, e mesmo trinta e três anos depois, temos ainda que dizer que esta prova foi brilhantemente passada.

1885

INTERNACIONAL

O que Obama foi fazer em Cuba?

FRANCINE HELLMANN
hellmann.francine@gmail.com

A visita de Barack Obama a Cuba, em 20 de março, é de grande valor simbólico e representa o desembarque do capitalismo na ilha. Além disso, ela é estratégica. A dez meses do fim de seu mandato, o presidente dos Estados Unidos transmite aos capitalistas do mundo seu compromisso com o restabelecimento das relações comerciais entre os dois países. Aos políticos norte-americanos, ele mostra que a situação é inevitável. Aos trabalhadores do mundo, diz que o socialismo definitivamente morreu.

Desde 2014, quando anunciou que vinham ocorrendo negociações com Raúl Castro, a Casa Branca tem afirmado que a tática de intimidar Cuba até a submissão falhou. No entanto, o imperialismo norte-americano não desistiu de seus objetivos: a restauração da propriedade privada e a destruição das conquistas da revolução. Ele apenas mudou os meios para atingir o mesmo resultado.

A decisão final sobre o embargo comercial imposto pelos Estados Unidos a Cuba é do Congresso norte-americano, que apresenta indisposição com o assunto, mas que dificilmente irá segurá-lo por muito tempo, já que há grandes interesses do capital envolvidos. É claro que o fim do embargo também não virá sem exigências.

O império pressiona pela saída de Raúl Castro e pelo início de um processo de "democratização" – leia-se capitalismo e democracia burguesa, onde a vontade das grandes corporações são as leis.

Em meio a maior crise de superprodução do capitalismo, uma parcela do empresariado internacional pressiona para entrar nesta ilha ainda virgem, vender produtos, serviços, endividar o país e explorar seus recursos naturais.

Também é importante para esta classe provar aos trabalhadores do mundo – que sofrem pelos impactos sociais decorrentes da crise – que o socialismo deixou de ser uma alternativa.

Embargo e isolamento

Desde a revolução, em 1959, Washington tem praticado invasões, embargo, terrorismo, tentativas de assassinato, financiamento dos "dissidentes", muita propaganda contrarrevolucionária e tentativas de desestabilização.

Por três décadas, os enormes avanços do país nas áreas de saúde, habitação, educação, entre outras, ao lado de laços comerciais muito favoráveis com a União Soviética, permitiram a revolução sobreviver a estes ataques. No entanto, esta relação também significou uma burocratização da revolução cubana.

Após a queda do Muro de Berlim, o país foi deixado à sua própria sorte. O chamado "Período Especial", entre 1991 e 1994, de colapso econômico, só não restaurou o capitalismo na ilha porque a revolução ainda estava viva na memória das massas. O governo de Hugo Chávez, na Venezuela, deu à economia do país mais algum tempo de sobrevivência. O maior problema de Cuba, no entanto, não foi resolvido: seu isolamento.

Desde então, cresce entre lideranças políticas a defesa da introdução de relações de mercado em determinados aspectos da economia, com a manutenção um controle geral do Estado. É o mesmo modelo da China, onde este sistema levou à plena restauração do capitalismo e à destruição de muitas das conquistas da revolução.

A crise financeira mundial e o crescente questionamento ao capitalismo é um fator favorável à revolução cubana. No entanto, a situação econômica da ilha não deixa espaço para manobra. Esses problemas, decorrentes da inserção desigual no mercado mundial, são agravados pela má gestão e burocracia.

O destino de Cuba, em última análise, será decidido na arena da luta de classe mundial. Isso, por sua vez, terá relação dialética com o equilíbrio de forças dentro da ilha, entre os que defendem a estrada do mercado e aqueles que defendem que a manutenção das conquistas da revolução está ligada à nacionalização da propriedade.

U.S. Department of State

Com visita a Havana, Obama e Raul Castro preparam o caminho da restauração capitalista em Cuba

Greves e mobilizações na França

EVELYN GONZALEZ
evelynmora.z@gmail.com

A luta de classes se acirrou na França neste mês de março. Milhares de trabalhadores e jovens foram às ruas contra a retirada de direitos trabalhistas, a chamada Lei El Khomri. O projeto visa aliviar o capitalismo francês das condições estabelecidas pelas atuais leis trabalhistas. Ele permitiria às empresas negociar mais horas de trabalho e horas-extras com os sindicatos. Os trabalhadores poderiam se ver obrigados a trabalhar até 45 horas, com corte de pagamento de horas-extras para o trabalho acima das 35 horas, isso teria profundas consequências sobre os salários, jornada de trabalho e direitos dos trabalhadores em geral.

Os trabalhadores, os desempregados e os jovens tomaram as ruas em 9 de março em mais de duzentas cidades por toda a França em oposição ao projeto de lei. Só em Paris, entre 80 mil e 100 mil pessoas saíram às ruas. As direções sindicais têm se mostrado pouco combativas e o movimento tem se intensificado principalmente entre suas bases e entre a juventude, em especial universitários e secundaristas. Nos dias 17 e 31, de maneira geral, a mesma disposição de luta foi vista nas manifestações e greves do dia 31.

Houve uma forte repressão policial por conta do Estado governado pelo reformista Hollande, o qual tem aplicado a política de austeridade e cortes, tal como Tsipras. A classe dominante na França revogou, após os atentados de Paris, leis que retiram temporariamente direitos constitucionais, retirando liberdades democráticas e propagandeando uma "unidade nacional" contra os terroristas.

O que estamos testemunhando, na França com o Partido Socialista, é a crise capitalista destruindo a autoridade e as ilusões do reformismo. Este é um fenômeno internacional.

Force Ouvrière

Depois da comoção, questões da luta de classes voltam à vida francesa

JUVENTUDE

Movimento estudantil precisa organizar combate contra ameaça de cobrança em universidades públicas

DAISON COLZANI
daisonroberto@gmail.com

Está em andamento na Câmara dos Deputados a votação em segundo turno da PEC 395/2014, que altera o artigo 206 da Constituição Federal e permite a cobrança de mensalidades nas instituições públicas. A proposta ainda está em trâmite, mas abre precedente para a privatização da educação pública.

Essa medida não existe por acaso e dá início ao questionamento da gratuidade da educação. A justificativa na apresentação da PEC diz: "Embora sejam, em última instância, atividades de ensino, geralmente se dirigem a públicos restritos, quase sempre profissionais e empregados de grandes empresas, constituindo importante fonte de receita própria das instituições oficiais". Na lógica do deputado Alex Canziani, se o público é restrito é porque pode pagar! Nada mais falso! O público é restrito porque o acesso ao ensino superior público é realidade para uma pequena parcela da população e, além de não haver políticas públicas para a ampliação de vagas, no último período o que vimos foram cortes bilionários.

Luis Macedo/ Câmara dos Deputados

Congresso Nacional tem sido palco de inúmeros ataques à educação

Essa PEC e sua justificação são parte do aprofundamento da política de cortes na educação e é por isso que as bases governistas não movem uma palha para combater essa medida. Combatem o dito "Golpe contra Dilma", quando na verdade a PEC 395/2014 é um verdadeiro golpe na educação.

Onde estão ANPG, UNE e UBES?

ANPG, UNE e UBES fazem uma campanha tímida contra esse ataque. Consideramos necessário fazer uma ampla mobilização.

Essa PEC é um ataque direto ao direito à educação. Não podemos ceder um milímetro à iniciativa privada. É preciso ser incisivo nesse momento. É preciso mobilizar os estudantes com o mesmo afinco que essas entidades têm mobilizado para a defesa do governo contra o dito "Golpe contra Dilma".

De fato, esse tem sido o "grande" combate dessas entidades, a defesa do mesmo governo que aplica profundos cortes na educação, ataca os estudantes e não move uma palha em projetos como a PEC 395/2014. É necessário que as entidades gerais se coloquem no rumo da luta e mobilizem as bases estudantis para barrar propostas como essa PEC e avançar nas reivindicações do movimento estudantil.

O combate por Educação Pública, Gratuita e para Todos

Nesse momento de crise, o combate por vagas para todos na educação é ainda mais duro, pois segue na contramão os interesses do capital, que quer impor à juventude e à classe trabalhadora cortes e "ajustes". Portanto, é precisamente nesse momento que as organizações de juventude tem de se lançar no combate de vagas para todos no ensino superior, garantir a permanência e dar um fim na farra dos tubarões do ensino privado que seguem lucrando milhões com suas fábricas de diplomas.

É fundamental mobilizar as bases estudantis no combate contra a privatização. O momento exige isso. Ou combatemos ou seremos engolidos pela sanha capitalista de privatizar tudo o que for possível.

Lei da mordaça: Resistência em Campo Grande

MELL PECÓIS
mellcristinep@gmail.com

Foi aprovado o Projeto da Lei da Mordaça (PL 8.242), na Câmara de Vereadores de Campo Grande, elaborado por Paulo Siufi (PMDB), o qual objetiva proibir professores das escolas públicas e particulares de tratar com os alunos de assuntos relacionados à política, gênero, economia e cultura. Os parlamentares querem, portanto, ferir a própria Constituição Federal. Isso é um ataque não só às liberdades democráticas, como também à classe trabalhadora, que ficará impedida de se manifestar e pensar criticamente.

O projeto foi a voto dos vereadores em 31 de março. O argumento usado é de que há, na educação brasileira, um tipo de doutrinação de esquerda nas salas de aula. Por trás disso tudo, está a ONG "Escola Sem Partido", fundada pelo advogado Miguel Nagib e apoiada pelos tipos mais atrasados da política, como o deputado federal Rogério Marinho (PSDB – RN) e o estadual Flavio Bolsonaro (PP – RJ).

Diego Aguiar

Manifestações são realizadas para alcançar o veto do prefeito ao projeto que retorna a práticas da Idade Média

Marx já dizia que o pensamento dominante é o pensamento da classe dominante. Esses jovens estão sofrendo assédio ideológico, mas trata-se do que vem das mãos dos que se dizem donos da moral e dos bons costumes, que pregam e defendem a lógica do capital. A escola é um espaço de direito, e deveria ser para todos um lugar de socialização pública e gratuita de todo conhecimento acumulado pela humanidade, do ponto de vista científico. O que esses senhores querem é que os alunos não questionem o sistema decrépito em que vivemos e suas consequências nefastas em todos os campos da vida e do conhecimento.

Uma manifestação contrária ao projeto foi realizada dia 3, com cerca de 200 pessoas. Outra aconteceu no dia seguinte, por ocasião de uma palestra de Miguel Nagib. Os ativistas tentaram falar, mas Nagib se retirou quando eles entraram no auditório da OAB-MS.

Nós da Liberdade e Luta participamos das atividades, explicando que o que está em jogo é muito mais do que um cerceamento das discussões de gênero sexual. No contexto atual do país, um projeto como esse reforça a ameaça a todas as liberdades democráticas existentes. Está em jogo o direito de livre expressão, manifestação e organização da classe trabalhadora e de seus filhos.

Outras mobilizações ocorrerão para pressionar o prefeito Alcides Bernal (PP) a vetar a Lei da Mordaça. Até o momento, o chefe do Poder Executivo tem afirmado que não deixará esse absurdo passar a valer. Entretanto, os professores, os estudantes e os trabalhadores que defendem as liberdades democráticas precisam se mobilizar para garantir que essa lei absurda seja vetada.